

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XIX

JANEIRO A JUNHO DE 1914

N.º 1 A 6

Sobre uns vasos antigos do Museu Etnológico Português

Subsídio para a história da hygiene e para a da influência púnica na Lusitânia

No tratado de hygiene infantil do Dr. Variot (*Traité d'Hygiène infantile*, 1910, p. 385) diz-se em nota, a propósito da origem da mamadeira ou *biberon*, que Dureau, bibliotecário da Academia de Medicina, ocupando-se deste assunto na *Chronique médicale*, não pôde chegar a conclusões precisas; e, transcrevendo-se um pequeno trecho do trabalho de Dureau, diz-se mais que êle Dureau considera como *biberons* uns pequenos vasos em forma de garrafa, com uma eminência mamilar no bôjo, eminência perfurada e destinada a dar saída aos líquidos que êles contivessem, vasos estes que se tem encontrado com freqüência em sepulturas com ossos de crianças, sepulturas dos cemitérios francos, franco-romanos e romanos da Gália. Dureau acen-



Fig. 1

tua que o *guttus* romano não era um *biberon* e que nas escavações de Pompeia ou Pompeios (como entende que se deve dizer em português o illustre filólogo Dr. Leite de Vasconcelos), nunca se encontrou nenhum vaso que pudesse ser identificado com aqueles que Dureau e outros consideram *biberons*. A leitura da nota do Tratado de Variot levou-me a ver se nas colecções do Museu Etnológico Português existiam vasos encontrados nas nossas regiões e identificáveis com os *biberons* gaulenses.

Com facilidade, e graças às indicações do Dr. Vergílio Correia, conservador do Museu, encontrei dois, catalogados como exemplares da cerâmica púnica, mas ainda sem nenhuma indicação com respeito à sua utilidade. Um desses vasos foi encontrado em Serpa, na Herdade das Lajes¹, e o outro em Alcoutim, no Montinho das Laranjeiras². São de barro esbranquiçado, sem verniz nem esmalte, e com vestígios notáveis de pintura vermelha, de que num deles se percebem ainda alguns traços pequenos e angulares e uma figura radiada que muito embra a figura solar que, por exemplo, se vê num pedaço de louça, no bordo de um vaso encontrado em Amarejo, e que vem figurado a p. 54 do vol. 1 do livro de Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Os dois vasos a que me refiro são um pouco diferentes, em feitiço e em tamanho (Vid. figs. 1 e 2). A capacidade do maior é de 230 c. c. e a do menor 200 c. c. As alturas são respectivamente de 0^m,150 e 0^m,120, e a circunferência máxima do bojo, respectivamente também, 0^m,240 e 0^m,270. Não há dúvida de que estes vasos são identificáveis na forma geral, e muito provavelmente portanto no seu destino, com os vasos que o P.^o Cochet descreve como *biberons* nos seus livros: *La Normandie souterraine*³, e *Sépultures gauloises, romaines, franques et normandes*⁴.

Ao contrário, porém, dos *biberons* de Cochet, os do Museu Etnológico Português não são de vidro nem de barro vermelho, mas sim de barro esbranquiçado e de modelação que parece mais grosseira. Lembram na forma geral alguns dos vasos que Dussau (*Les civilisations préhelléniques*, 1910, p. 152) apresenta em gravura como tipos imitativos da cerâmica chipriota. São de barro, bastante grosseiro,

¹ Oferecido ao Director do Museu pelo Sr. José Horta Cano, por intermédio do Dr. Ladislau Piçarra.

² Faz parte da colecção organizada por Estácio da Veiga.

³ Abbé Cochet, *La Normandie souterr.*, Paris 1854: por ex., est. II e p. 70.

⁴ Paris 1857, p. 7.

esbranquiçado, sem verniz, pintados de vermelho, como os encontrados em Cartago por Delattre e a que se refere o Marquês de Voguê na *Revue Archéologique* de 1889, a pp. 166 e 167¹, é a que por sua vez se refere também Siret no seu trabalho: *À propos des poteries pseudo-mycéniennes* (*L'Antropologie*, XVIII, 1907, p. 277). Num dêles, até figura, como atrás disse, um desenho igual ao que se encontra no pedaço da cerâmica que Paris descreve como produto de indústria púnica. O que, porém, convêm acentuar é que não se descreveu ainda, que eu saiba, nenhum vaso do feitio de *biberon gaulês*, descoberto na Ibéria.

Isto me leva a redigir esta nota que me parece ter algum valor como subsídio para a história da alimentação na Ibéria, e em especial na Lusitânia, e para a da influência púnica na civilização da nossa península.

Em face do que vi, creio que, na história da hygiene, é necessário modificar o que se en-

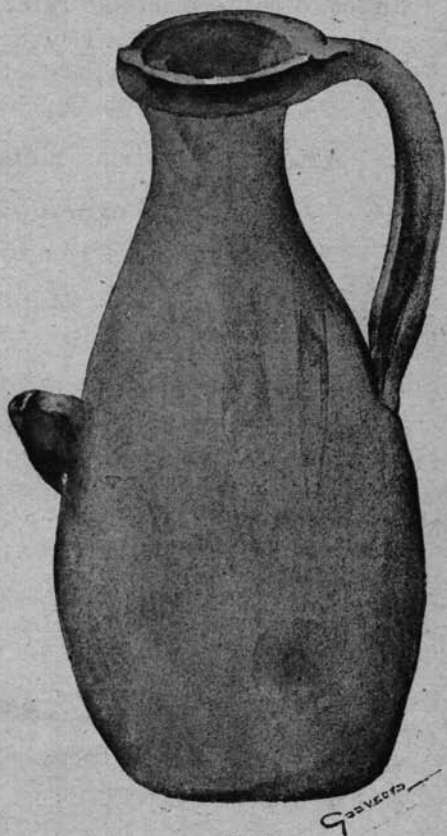


Fig. 2

¹ Diz o Marquês de Voguê: «Après de ces urnes et amphores funéraires renfermant des ossements calcinés ou non, se trouvaient . . . de petits vases, des objets en terre cuite, ayant ou non destination rituelle. La planche v, n° 2, donne la figure d'un certain nombre des mieux conservés. Ce sont des vases, des patères, un objet ayant la forme d'un poisson, des sortes de plats; parmi les vases on remarquera ceux qui portent sur la panse un petit goulot conique, espèce de biberon auquel les arabes donnent le nom caractéristique de buzzoula (mammelle). Ces vases sont en terre assez grossière, rougeâtre ou jaunâtre, sans vernis, décorés de lignes et d'ornements de couleur rouge. Comme les amphores et les urnes, ils rappellent les poteries archaïques de Chypre et de Rhodes; ils appartiennent évidemment à la même époque. Les vases à petit goulot latéral sont les plus nombreux; ou en trouve jusque dans l'intérieur des amphores mêlés aux ossements».

contra registado sob a origem da mamadeira ou *biberon*, origem que tem, a meu ver, de ser recuada no tempo e afastada no espaço¹.

Lisboa, 3 de Novembro de 1913.

A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA.

Artes e industrias metalicas em Portugal

Moedeiros

(Continuação d'O Arch. Port., xviii, 191)

125—Silva (Luis da).—Era ensaiador da Casa da Moeda do Rio de Janeiro, tendo ensinado Hilario Cardoso Ramalho.

(Conselho Ultramarino, liv. xx, fl. 276).

¹ A propósito desta minha noticia, farei notar que, ao lado dos supostos *biberons* púnicos, existe na colecção do Museu Etnológico (fig. 3) um *ἀσπίς* encontrado em Lagos, no Monte Molião, vaso êste que tem junto a nota de que o Prof. Behrenberger de Koenisberg considera os vasos dêste tipo como produtos da indústria púnica. Pelo que tenho lido vejo que o *ἀσπίς* é considerado como uma curiosidade cerâmica, redução e imitação dos odres de pele de bode que os gregos usavam para transporte de vinho. Sem me querer meter a discutir o caso, não deixarei



Fig. 3

de registar aqui a impressão que tenho de que naturalmente serviam para administração de líquidos a doentes que não podiam levantar-se no seu leito. Ao meu illustre amigo e sábio fundador e Director do Museu Etnológico, Prof. Leite de Vasconcelos, não repugna também admitir a hipótese. Ainda hoje se usam vasos até certo ponto semelhantes.

No Museu Etnológico há dois vasos do tipo do *ἀσπίς*, ambos de barro vermelho, mas de capacidade diferente. Um tem 180 c. c. de capacidade, e o outro 125.